

## Conclusão

Vimos ao longo do trabalho diferentes formas de atuação do poder. As relações de poder não possuem, portanto, uma natureza determinada, essencial e estável (como uma abordagem essencialista poderia concluir), mas estão sempre em relação com práticas estabelecidas entre os seres humanos e com as racionalidades em questão.

Mais do que afirmar que o poder é isso ou aquilo, Foucault nos ofereceu ferramentas eficazes para pensarmos um mundo em constante transformação. Nosso mundo atual é rápido e global e talvez estejamos apenas iniciando uma revolução tecnológica de maior amplitude. Como disse um famoso artista de vídeo, se nós construirmos estradas, carros irão andar sobre ela. Se construirmos vias eletrônicas, algo irá acontecer. Não se pode, portanto, resumir a tecnologia aos artifícios do poder. A análise do poder na atualidade não deve corresponder a uma posição tecnofóbica.

Em seu livro “Multidão”, Hardt e Negri afirmam que as reivindicações camponesas do século XIX eram conservadoras devido ao seu isolamento. Até mesmo o velho chamado cosmopolita de Marx só é possível através de mecanismos que façam com que as pessoas espalhadas pelo mundo possam se comunicar.

A *Wikipedia*, por exemplo, parece ser uma boa imagem das novas formas de trabalho coletivo de ordem global (embora seja sempre bom lembrar que não é única). Diz a lenda que cada uma das “Mil e Uma Noites” foi escrita por uma pessoa diferente, mas a *Wikipedia* surge com uma característica fundamental: nessa enciclopédia *online*, financiada por uma entidade sem fins lucrativos, os próprios usuários escrevem e editam e alteram qualquer parte dos milhões de artigos. Poderíamos, a princípio, imaginar o caos proveniente das diferenças de opinião e as conseqüências da liberdade dada aos usuários. Estes podem, no entanto, visualizar e resgatar ações anteriores. Desse processo emerge algo como uma concordância. Desde o seu recente nascimento, a *Wikipedia* vem se tornando referência de conhecimento pela riqueza e precisão de informações.

Foucault se pergunta, em “Vigiar e Punir”, como a prisão se manteve como forma primordial de punição na modernidade. Pois, para aquilo que ela se

propõe, não funciona, e sua reforma é um tema contemporâneo de seu próprio nascimento. A resposta de Foucault é simples: a delinquência que ela produz é útil. Além da exploração econômica ilícita, do controle das ilegalidades e da maneira como se utiliza dela contra ela própria, a delinquência também faz ser tolerável a vigilância da polícia.

Depois do 11 de setembro, surge um coro sobre uma nova ameaça mundial: o terrorismo. O terror é da ordem das sensações: medo, pavor, pânico. Hollywood produz um terror controlado: no cinema, em meio às explosões, tiroteios e destruição em geral, sabemos que conosco está tudo bem e que o herói irá sempre triunfar. Quando os aviões se chocaram com as torres, uma emissora de televisão avisava: “Isso não é ficção, isso está realmente acontecendo”.

O terrorista não é um invasor bárbaro, mas um produto intrínseco à globalização. A ameaça terrorista, fantasmagórica ou não, fez com que se multiplicasse de forma drástica os mecanismos de vigilância, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Se o terrorismo não deixa de ser uma forma de resistência, é todavia uma resistência produtora de um controle cada vez mais incisivo e arbitrário sobre a vida. Uma grande causa unificadora. Em inúmeras entrevistas de televisão fala-se de colaboração e de preços a pagar. Se a ameaça do terrorismo é rodeada pela áurea de imprevisibilidade, parece não haver limites para o controle, inclusive pela definição vaga de terrorista, que pode ser aplicada a qualquer perturbação violenta da ordem.

Na sociedade da comunicação, novas formas de resistência surgirão. Deleuze já apontava para os “interruptores” de controle. O filósofo considerava a possibilidade de a comunicação estar apodrecida em nossos tempos. Mas isso, esperamos, não constitui um apelo ao isolamento. Na internet já podemos constatar: dizer uma coisa significando outra é a arma das novas gerações.

Quando se evoca a liberdade de expressão hoje, é muitas vezes de uma forma quase neutra, alheia às estratégias de poder, alheia ao diagrama. Devemos repensar a noção de liberdade.

Liberdade de expressão, liberdade de escolha, liberdade de mercado... Se quiséssemos, poderíamos estabelecer graus de liberdade de acordo com o número de canais de televisão. Estar diante de dois elementos já é escolha e, portanto,

liberdade. É difícil expressarmos o que de fato queremos dizer com uma palavra que pode se referir a qualquer campo de possibilidades.

Compara-se a liberdade com a águia. A relação do homem com a águia é de ataque e defesa. Foucault certa vez em uma de suas aulas no Collège de France se referiu aos Francos (povo que vivia no território que hoje é a França). Era uma apreciação sobre o uso da palavra “liberdade”. Para os francos, a liberdade é guerreira, uma liberdade de espada. O filósofo afirma, inclusive, que a origem da palavra *franco* não remete absolutamente à *liberdade*, mas à *ferocidade*.

Em seus últimos trabalhos, Foucault relacionou liberdade e prazer. Essa relação passa necessariamente por uma dimensão ética, ou seja, a pergunta que se coloca na “História da Sexualidade” é: como podemos intensificar cada vez mais o prazer que podemos dar e receber uns dos outros? Para o filósofo, quando o poder se voltou para a vida, numa reviravolta essa vida se tornou objeto de disputa. Não queremos mais os bons reis, queremos a plenitude do possível.

Mas o fato é: nós desconhecemos a plenitude do possível. E, nos tempos de hoje, até o “possível” foi capturado: em nossa sociedade, decretou-se o fim da história. Criamos laços profundos com o mundo idílico dos anúncios publicitários, embora todos nós saibamos que nada é assim na vida real. Se a resistência assume diferentes formas, será a tristeza uma resistência às “alegrias do *marketing*”? E se na verdade, por outro lado, essa resistência corresponde a outras “alegrias”? A primeira constatação é de que é difícil lutar contra um produto belo e útil. Como então inserir o desejo no plano das lutas sem cairmos em um moralismo? A segunda constatação é que também se anuncia muito mais do que um produto. O que se exhibe, para além dele, numa campanha publicitária?

Deleuze afirma que não estamos mais indo de um espaço a outro, estamos *em órbita*. Agora que o poder organiza a vida como um todo, será que a resistência considerará a vida da mesma forma que o poder? A produção de subjetividade está ainda mais intensa e multiforme na atualidade: uma modulação da vida em torno do pertencimento, da aceitação, do acolhimento social. Somos objetivados enquanto “consumidores”, “profissionais”, “cidadãos”, “seres vivos”...